

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

CAROLINA DA SILVA XAVIER
RAFAELA RAMOS SACRAMENTO

A RELEVÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA:
análise de um projeto de leitura desenvolvido no Ensino Fundamental I de uma
escola marianense

MARIANA-MG
2019

CAROLINA DA SILVA XAVIER
RAFAELA RAMOS SACRAMENTO

A RELEVÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA:
análise de um projeto de leitura desenvolvido no Ensino Fundamental I de uma
escola marianense

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina EDU 381, sob responsabilidade do Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva, como exigência parcial para a obtenção do título de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientação: Prof.: Ms. Hécio Carlos de Oliveira Silva
Co-orientação: Prof^a. Ms. Elodia Honse Lebourg

MARIANA-MG
2019

X3r

Xavier, Carolina da Silva.

A relevância da leitura literária [manuscrito]: análise de um projeto de leitura desenvolvido no ensino fundamental I de uma escola Marianense / Carolina da Silva Xavier, Rafaela Ramos Sacramento. - 2019.

63f.: il.: color.

Orientador: Prof. MSc. Hécio Carlos de Oliveira Silva.

Coorientadora: Prof^a. MSc^a. Helodia Honse Lebourg.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação.

1. Letramento. 2. Educação do leitor. 3. Leitura - Projetos. I. Silva, Hécio Carlos de Oliveira. I. Sacramento, Rafaela Ramos. I. Lebourg, Helodia Honse . III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU: 028.5

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

Carolina da Silva Xavier
Rafaela Ramos Sacramento

A relevância da leitura literária: análise de um projeto de leitura desenvolvido no ensino fundamental I de uma escola Marianense

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial à obtenção do título de graduação. Aprovado pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Hélio Carlos de Oliveira Silva
Prof. Ms. Hélio Carlos de Oliveira Silva

Departamento de Letras/UFOP - Orientador

E. Lebourg
Prof. Ms. Elodia Honse Lebourg

Departamento de Educação/UFOP – Co-orientadora

R. Lages
Prof. Dr. Rita Cristina Lima Lages

Departamento de Letras/ UFOP– Membro Avaliador

Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva

Departamento de Educação/ UFOP– Membro Avaliador

Dedicamos este trabalho a Deus, nosso refúgio e nossa fortaleza, às nossas famílias, aos nossos pais e irmãos, que tanto nos deram força e total incentivo ao longo de nossa graduação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser o nosso apoio em todos os momentos durante nossa graduação e vida.

Ao nosso orientador, Hécio Carlos de Oliveira Silva, e à nossa co-orientadora, Elodia Honse Lebourg, pela dedicação e pelo tempo disponibilizado para que esse trabalho fosse possível.

A nossa leitora crítica, Rita Cristina Lima Lages, que, com muito carinho e dedicação, aceitou participar e contribuir para essa esta etapa tão importante, tornando-se parte essencial para a conclusão deste trabalho.

À Universidade Federal de Ouro Preto e, especialmente, a todos os professores do Departamento de Educação, por ter contribuído na nossa formação.

Aos nossos pais, pelo carinho, incentivo e amor durante esses longos quatro anos de graduação, e por não terem nos deixado faltar absolutamente nada.

Aos nossos colegas de turma, pelo companheirismo alo longo dessa jornada.

Gostaríamos também de agradecer a todos e a todas que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão desse trabalho e do curso.

O PRAZER DE LER

Mais do que palavras, ler é saborear
Histórias tristes e belas, cenários de encantar
Mais do que ciência, ler é experimentar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler

Ler é não ter medo, ler é liberdade,
Ler é ser honrado, ser nobre, ser elevado
Ler é viajar, por terra, por rio e mar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler

Ler é ser capaz, ler é ser audaz
Ler é arriscado, por isso tem cuidado
Ler é vaguear de dia ou ao luar
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler

Ler é mais que tudo o que possas imaginar
Ler é ser alguém, alguém que tem para dar
Dar e receber, dar para viver
Ler é sobretudo prazer... prazer de ler

Eliseu Alves

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EJA - Educação de Jovens e Adultos

INL - Instituto Nacional do Livro

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento para Educação

PCN - Parâmetro Curricular Nacional

PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PNBE - Plano Nacional Biblioteca na Escola

PNE - Plano Nacional de Educação

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura

PNSL - Programa Nacional Salas de Leitura

PPP - Projeto Político Pedagógico

PRODELIVRO - Programa de Desenvolvimento e Preservação do Livro

PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura

SNB - Serviço Nacional de Bibliotecas

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta a importância da leitura literária nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I. Nosso objetivo foi observar como que esse projeto de leitura na escola contribuiu para uma possível construção do letramento literário. Como objetivos específicos, tivemos: realizar um levantamento histórico a fim de expor as políticas públicas que incentivam a leitura nas escolas brasileiras; identificar as contribuições da leitura literária para a construção do perfil do leitor; promover uma análise detalhada de um projeto de leitura desenvolvido em uma turma de 5º ano de uma escola municipal da cidade de Mariana-MG. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e foi desenvolvida com base em leituras reflexivas de autores da área de Educação e Linguística. Os resultados obtidos nos levaram a concluir que as atividades do projeto representaram uma contribuição significativa para que os alunos tivessem contato com o livro e aprimorassem a leitura literária. A presente pesquisa mostra como que o projeto de leitura desenvolvido pode contribuir em sala de aula na formação do leitor e do letramento literário

Palavras-chave: Letramento literário; Formação de leitor; Projeto de leitura.

ABSTRACT

This course conclusion's work presents the importance of literary reading in the early years of elementary school I. Our objective was to observe how this reading project in the school contributed to a possible construction of literary literacy, and as specific objectives: to carry out a historical survey in order to expose the public policies that encourage the reading in Brazilian schools; to identify the contributions of literary reading and how it contributes to the construction of the reader's profile; to promote a detailed study of a reading project developed in a fifth grade class of a municipal public school in the city of Mariana-MG. The methodology used is qualitative, and was developed on the basis of reflexive readings of authors of the area of education and analysis of the reading project developed. However, the results obtained lead us to conclude that the activities of the projects were significant contributions in order that the students the book would improve literary reading. Our research shows that the work developed can contribute greatly in the thinking about reaching different proposals in one activity.

Keywords: Literary literacy; Reader training; Reading project.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I.....	15
1. PANORAMA HISTÓRICO DAS POLÍTICAS NACIONAIS DE FOMENTO À LEITURA NO BRASIL	15
CAPÍTULO II	22
2. LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE REAL	22
CAPÍTULO III	28
3. PROJETO DE LEITURA: UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	28
CAPÍTULO IV	34
4. NAVEGANDO NA LEITURA COM O LIVRO <i>O JARDIM SECRETO</i> : UMA ANÁLISE EM FOCO	34
4.1 Pré-leitura	35
4.2 Leitura	37
4.3 Pós-leitura	41
CONSIDERAÇÕES FINAS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE 1	48
ANEXO 1.....	49
ANEXO 3.....	57

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico pretendeu abordar a leitura literária e suas relevantes práticas na formação de leitores. Dessa forma, analisamos um projeto de leitura realizado em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Mariana-MG. Nosso propósito será compreender as contribuições deste significativo trabalho para promover a leitura literária, a partir das práticas pedagógicas utilizadas em sala, para a formação do leitor, dos desafios encontrados e suas expectativas.

A motivação pela leitura dentro das escolas é um assunto que não pode ser ignorado. No campo educacional, compreende-se que a criança possui contato com a literatura e realiza leituras desde muito cedo. Desse modo, ela é favorecida em vários aspectos, como: desnaturalização da visão de mundo, desenvolvimento mais adequado nas habilidades de escrita, na forma como aprende e pronuncia palavras, na comunicação com maior clareza e vantagens no processo de alfabetização e letramento por meio do uso social que faz da escrita.

O que nos motivou a desenvolver este trabalho de conclusão de curso foi o fato de que, em nossas experiências durante os estágios supervisionados do curso de licenciatura em Pedagogia e em nossa participação em um projeto de iniciação à docência, o PIBID Alfabetização, oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto, observarmos que, no exercício da prática da docência das escolas da rede pública que frequentamos, a leitura era explorada apenas nas aulas de Língua Portuguesa, por meio do livro didático e sem acesso a outros materiais ou às bibliotecas escolares. Esperamos que essa prática seja desconstruída, uma vez que o trabalho com a leitura pode ser desenvolvido em todas as disciplinas curriculares e por meio de metodologias variadas.

Assim, este estudo tem, como objetivo geral, apresentar a importância da leitura literária no cotidiano escolar para a formação do leitor. Como objetivos específicos, pautamos: realizar um levantamento histórico, a fim de expor as políticas públicas que incentivam a leitura nas escolas brasileiras; identificar os

benefícios da leitura literária e como ela contribui para a construção do perfil leitor, promover uma análise detalhada de um projeto de leitura desenvolvido em uma escola municipal de Mariana-MG.

A realização desta pesquisa se justifica pelo fato de que, ao abordarmos a importância do desenvolvimento de um projeto de leitura em uma determinada escola, pretendemos verificar se há uma aproximação com o letramento literário, por meio da exploração do texto, do desenvolvimento da fruição da leitura, da expansão do universo cultural e da vivência da plurissignificação da linguagem. É necessário que o aluno interaja com a leitura e construa sentidos para ela a partir de seu universo de conhecimento. Na maioria das vezes, o que vemos é que as escolas acabam escolhendo as leituras a serem feitas e desconsideram os desejos e interesses dos alunos.

Infelizmente, muitos alunos só tem vão ter contato com a leitura e livros na escola, então, uma proposta de espaço para trabalhos diferenciados que abordem a leitura de forma significativa pode contribuir com a formação e desenvolvimento crítico desse aluno. Em nossa análise observamos as atividades propostas pelo projeto em questão e como ocorreu a leitura literária. O que a distingue de outras leituras é o modo como o leitor processa o texto, ao perceber não só elementos explícitos, mas implícitos e todo o trabalho artístico com a palavra que contribui na construção de sentido.

A metodologia desta pesquisa monográfica é qualitativa e se baseia em pesquisas bibliográficas e na análise documental. Na pesquisa bibliográfica, realizamos um levantamento de estudos já existentes sobre o tema, com o intuito de compreender o que os autores relataram sobre a temática. Para embasar teoricamente o estudo, foi realizada a análise documental do projeto e das atividades propostas com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e seus produtos gerados.

Nosso referencial teórico engloba autores como Araújo (2004), que aborda questões acerca das políticas públicas de fomento à leitura no Brasil, trazendo todo um contexto histórico dessas políticas; Lajolo (2005), que assinala como se desenvolve uma prática significativa que chame a atenção dos alunos através de um projeto de leitura; Cosson (2006), que aborda a importância do

letramento literário em sala de aula e destaca como essas atividades são significativas para os alunos e Soares (2011), que defende a escolarização da literatura como suporte para a melhoria da leitura. Estes pesquisadores, entre outros, desenvolvem materiais e pesquisas que salientam a importância do contato do aluno com esse tipo de leitura.

Este trabalho se divide em quatro capítulos. No primeiro, denominado como *Breve panorama Histórico sobre as políticas Nacionais de fomento à Leitura*, procuramos descrever as políticas públicas e os programas que já foram desenvolvidos no Brasil em relação à efetivação da leitura. Nele, também apresentamos os objetivos principais desses programas, assim como seu desenvolvimento, sua permanência e duração.

Já no segundo capítulo, *Leitura literária na escola: uma possibilidade real*, abordamos o letramento literário, como ele ocorre dentro das leituras e seus benefícios. Apontamos também como acontece a relação leitor e autor e a construção de sentido através da leitura da obra melhorando a escrita e contribuindo para a leitura de mundo dos alunos.

No terceiro capítulo, *Projeto de leitura: uma estratégia metodológica*, procuramos exemplificar como se dá a elaboração de um projeto de leitura dentro da escola. Lá, traçamos todos os pontos necessários, passo a passo, para valorizar e incentivar o desenvolvimento de projetos de leitura nas instituições

Por fim, no quarto capítulo e último capítulo, intitulado 'Navegando na leitura com o livro "O Jardim Secreto": uma análise em foco, realizamos a análise do projeto de leitura desenvolvido na respectiva escola e seu desdobramento. Procuramos descrever como se deram as atividades desenvolvidas dentro de três perspectivas – pré-leitura, leitura e pós-leitura – e levantamos também alguns pontos que poderiam ter sido abordados pela professora com a pretensão de enriquecer ainda mais o projeto.

CAPÍTULO I

1. PANORAMA HISTÓRICO DAS POLÍTICAS NACIONAIS DE FOMENTO À LEITURA NO BRASIL

“A finalidade da leitura não é
mais livros e, sim, mais vida.”
B. F. Skinner

No Brasil, a questão da leitura nas escolas é um problema a ser superado. Muitas instituições ainda apresentam certa falha na elaboração de práticas eficientes de leitura, tornando-se cada vez mais comum ouvirmos que o brasileiro não gosta de ler. Segundo a pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil – 4ª edição* (2016), realizada pelo Instituto Pró-livro, o maior número de leitores se encontra na Região Sudeste, justamente a porção do território com maior estabilidade econômica. A partir desta consideração, pode-se dizer que as condições econômicas e sociais tendem a impactar o interesse e o acesso aos livros pela população.

Durante anos, as políticas públicas voltadas para o campo educacional não atendia as especificidades da sociedade, e muitas vezes acabava excluindo os alunos das camadas populares por não atender suas necessidades. O Estado apresentava interesse na educação com a intenção de arquitetar uma imagem do Brasil como um país em pleno desenvolvimento. Com a proclamação da República, em 1889, houve a necessidade de uma nova reformulação do ensino, com interferências a serem feitas na área da educação com o objetivo de suprir o declínio provocado pelo governo.

Não localizamos, em nossa pesquisa, dados e estudos relativos às condições de leitura no país por volta do ano de 1889, mas, sabe-se que, nessa época, a leitura ganhou importância pelo fato de ter de ser utilizada nas demais disciplinas escolares. Segundo Araújo (2014a, p. 31), alguns anos depois,

o grau de importância conferido à leitura se acentuou cada vez mais a partir da década de 1930 com a criação do Ministério de Educação, que consolidou políticas públicas em favor da valorização do livro e da leitura, promulgadas várias leis para este setor. De forma geral, é a partir dessa década que surgem políticas públicas de distribuição de livros didáticos, estendidas até os dias atuais, e que de certa forma, concentram as maiores ações do governo para a promoção da leitura no país.

Pode-se dizer que o alcance da leitura aumenta a partir da década de 1930, com dois acontecimentos: a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, no governo de Getúlio Vargas, que realizava políticas públicas em favor do reconhecimento dos livros; e a Constituição Federal de 1934, que reconheceu a educação como um direito de todos e dever das famílias e dos poderes públicos. Nesse período, foram tomadas medidas pontuais por meio da elaboração de documentos e de leis e, assim, vários programas foram realizados.

A esse respeito, Cordeiro (2018, p. 1.483) afirmou que:

A década de 1930 foi marcada, ainda, pela criação do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1937, pelo ministro Gustavo Capanema. A gênese do INL foi um importante marco na questão da leitura, pois foi o primeiro órgão criado com o intuito de promover ações com foco na propagação do livro. O Instituto tinha por principais metas a elaboração de uma enciclopédia e de um dicionário nacionais, bem como a expansão das bibliotecas pelo Brasil. O próprio Capanema, em sua fala, evidencia o modo como encara o poder do livro: “O livro é, sem dúvida, a mais poderosa criação do engenho humano. A influência que ele exerce, sob todos os pontos de vista, não tem contraste”.

De acordo com o Decreto-Lei nº. 93, de 1937, o Instituto Nacional do Livro (INL) foi instituído, sob a coordenação do então Ministério da Educação e Saúde, com as seguintes habilitações:

- Organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições;
- Editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional;
- Promover as medidas necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros;
- Incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional (BRASIL, 1937).

O INL tinha como principal objetivo compartilhar obras relacionadas à educação e à cultura. Com a chegada dos anos 1940, as bibliotecas das escolas públicas começaram a ser expandidas e diversas obras foram distribuídas, a fim de aumentar o acervo existente. No entanto, essa distribuição não era feita com o intuito de formar cidadãos leitores ou de ampliar esses espaços. Segundo Cordeiro (2018), os livros distribuídos eram de interesse do governo, pois ele queria moldar o modo de pensar dos indivíduos, logo, os alunos só teriam acesso às obras escolhidas pelo Estado.

Em 1961, surgiu o Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB), com o objetivo de organizar as bibliotecas brasileiras. Apresentava uma estrutura simultânea ao INL e tencionava assessorar a rede de bibliotecas existentes. Em 30 de junho de 1962, foi aprovada a Lei nº. 4.084, que determinava a existência de um bibliotecário nas escolas públicas. Percebe-se um grande avanço nesse campo, pois se trata de um profissional com formação específica para a biblioteca. Apesar disso, na prática, isso nem sempre acontecia, pois muitas escolas públicas brasileiras ainda se encontram com profissionais que não possuem formação específica à frente das bibliotecas. (ARAÚJO, 2014a).

Outro acontecimento relevante foi a lei que tornou obrigatória, nas escolas brasileiras, a comemoração do Dia Nacional do Livro:

Em 13 de dezembro de 1966, a Lei de nº. 5.191 que institui o Dia Nacional do Livro – 29 de outubro – foi promulgada, tornando-se obrigatória a “comemoração da data nas escolas públicas e particularidades do ensino primário e médio sem interrupção dos trabalhos escolares” (Lei de 13 de dezembro de 1966), e em 9 de julho de 1968, foi a vez de promulgar a Lei nº. 5.471, que dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjunto bibliográfico brasileiro (ARAÚJO, 2014a, p. 35).

Ainda segundo Araújo (2014a), em 1979, o Programa de Desenvolvimento e Preservação do Livro (PRODELIVRO) foi desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento para Educação (FNDE). Contudo, somente na década de 1980, os livros começaram, de fato, a ganhar espaço nas escolas públicas brasileiras. Em 1985, o Prodelivro foi substituído pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), responsável pela distribuição gratuita de livros didáticos nas

escolas públicas brasileiras. A partir disso, passaram a ser enviados guias às escolas, que escolhem os livros didáticos que mais se encaixam em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Por meio desses programas, o Estado começou a assumir alguns investimentos financeiros relacionados à leitura.

Os Programas do Livro compreendem as ações de dois programas: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), por meio dos quais o governo federal provê as escolas de educação básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias, bem como com outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita (BRASIL, 2007).

Em 1984, foi fundado o Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL), que tinha como intuito construir salas e espaços de leituras nas escolas (CORDEIRO, 2018). O programa também distribuía livros de literatura para as salas de leitura das escolas públicas que não possuíam biblioteca. Em 1988, o programa (que vigorou até 1996) passou a promover a criação de bibliotecas nas instituições escolares.

Em 1992, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, foi elaborado. Ele apresentava como principal objetivo a formação de professores e de alunos leitores, e a reorientação dos docentes a fim de que se tornassem mediadores de leitura e fizessem essas práticas nas suas aulas. Suas atividades eram realizadas com a comunidade escolar. O programa visava formar agentes de leituras e possibilitar a leitura em vários espaços públicos.

Desde o início, o PROLER já reconhecia a importância da leitura para a construção da cidadania e do desenvolvimento social. Ele nasceu como uma tentativa de se criar uma política nacional de leitura, promovendo a aproximação da sociedade à leitura de forma geral, não apenas a distribuição de livros. Procurando atender à demanda da sociedade por políticas mais participativas, o programa desenvolveu parcerias com municípios e estados, mas também com fundações culturais, universidades e organizações da sociedade civil. O PROLER nasceu com uma proposta de ação bastante descentralizada e já procurava nessa época sistematizar as atividades existentes organizadas por esses diversos atores participantes. Com a descentralização da implantação, o PROLER, conseguiu levar pela primeira vez políticas de incentivo à leitura a todas as regiões do país e não apenas às capitais (OLIVEIRA, 2011, p. 37-38).

Outro programa que atendia a todas as escolas do território brasileiro foi o Plano Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Desenvolvido em 1997, ele pode ser considerado um dos maiores programas para distribuição de livros nas escolas públicas. O plano, ao longo de seu desenvolvimento, atuou em quase todas as categorias de escolarização, atendendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos. As ações desenvolvidas se resumiam à distribuição de livros, por isso, ressaltamos que esse oferecimento não garante, de fato, a formação de leitores. Vale destacar que o PNBE também atendia a alunos com necessidades educacionais especiais.

O programa de maior porte já criado no Brasil é o PNBE. Apesar da data de sua gênese ser de 1997, foi posto por último, na estrutura deste trabalho, devido a sua amplitude. Instituído pela Portaria Ministerial nº 4, de 28 de abril de 1997 do MEC, busca promover a leitura, a literatura e o conhecimento. Atua por meio da distribuição de acervos literários às escolas públicas brasileiras, além de material de apoio pedagógico e de atualização profissional. Progressivamente, o PNBE passou a atender a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio e a educação de jovens e adultos (EJA) (CORDEIRO, 2018, p. 1.487-1.488).

Por sua vez, o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborado pelo MEC, em 1997, surgiu com o intuito de complementar as necessidades de ensino no país. Passando a compor as grades escolares, os PCN são divididos em três volumes, com temas transversais. Servem como ponto de partida para os professores de diversas escolas, e também orientam as atividades que podem ser desenvolvidas em todas as disciplinas.

Uma das contribuições mais significativas dos PCN para as políticas de leitura e sua repercussão na educação básica é a relevância dada à diversidade de funções da leitura. A prevalência de um único gênero – o literário – e a centralidade de um único objetivo de leitura – o de fruição estética – cede espaço para a diversidade de gêneros e objetivos didáticos. A partir do PCN, a presença de gêneros variados para o ensino da leitura passou a ser uma das metas: ler para buscar uma informação, ler para resolver um problema prático, ler para tomar decisões são ações que passaram a marcar o espaço escolar e encontraram nos PCN um documento de legitimação dessas práticas escolares. A análise dos dois quadros, referentes aos PCN do 1ª a 4ª série e da 5ª a 8ª também revela a importância dos PCN como material propositivo do ensino da leitura no currículo escolar como um todo, pensando a leitura em vários dos anos referentes à escolaridade básica obrigatória (ARAÚJO, 2014b, p. 5).

Em 2006, foi criado o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), que teve como propósito garantir a democratização do acesso ao livro e o reconhecimento da leitura. Tem, portanto, abrangência nacional e, ao ser implantado, já trazia, como expectativa, transformar-se numa Política de Estado duradoura e permanente. O PNLL trabalha com quatro eixos, nos quais estão incluídos diversos programas e projetos, sendo eles: democratização do acesso; mediação da leitura; valorização da simbologia; e apoio à economia do livro.

A iniciativa veio atender a expectativas presentes tanto nas políticas públicas quanto nas ações da sociedade civil, incluindo o setor editorial que abraçou o PNLL e lhe deu apoio para avançar. E há avanços: os estados, os municípios e o Distrito Federal foram convidados a formalizar e implementar seus planos estaduais e municipais, sempre dentro da perspectiva de somar esforços e agregar compromissos para a promoção da leitura, a difusão do livro, a formação de mediadores e o incremento da economia do livro. Hoje a realidade do PNLL ultrapassa seu impulso inicial e já se consolida como estratégia adequada para os objetivos propostos (HADDAD, 2010, p. 27).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que estabelece as competências, habilidades e aprendizagens necessárias em todo o nível de educação básica. Ela procura orientar e nortear as escolas na elaboração dos currículos e, nos últimos anos, tem sido uns dos assuntos mais comentados relacionados à educação.

A BNCC já estava prevista desde a Constituição de 1988, mas somente em 2014 sua criação foi determinada pelo Plano Nacional de Educação (PNE). A BNCC tem como objetivo assegurar aos estudantes o direito de aprender um conjunto fundamental de conhecimentos e de habilidades comuns em todas as escolas, independentemente de serem públicas ou privadas. Assim, tem como intuito reduzir as desigualdades educacionais existentes no Brasil e ampliar a qualidade de ensino (BRASIL, 2017).

Na BNCC, na área sobre linguagem, é apresentado um eixo que traz a leitura como foco e que conta com ações voltadas ao processo de leitura com intervenções para interpretação, compreensão de textos e ampliação do letramento. Ela pressupõe ser necessário que, nos processos de leitura, haja sempre a interação entre ouvinte, leitor e espectador, visto que um depende do outro. Os processos de leitura apresentados pela base não dizem somente do texto escrito,

mas também dos orais, digitais, das imagens etc. (BRASIL, 2018). Assim, torna-se necessário que se estabeleçam políticas de formação dos professores para se ter um melhor uso da BNCC.

Diante do histórico exposto, entende-se que a educação e a leitura precisam ser vistas como fundamentais na construção de sujeitos e leitores críticos. As leis de amparo ao livro e leitura precisam, de fato, acontecer na realidade das escolas. Apenas distribuir acervos nas escolas não supre a demanda apresentada pelos alunos, tampouco, faz com que se formem leitores críticos. Além disso, o investimento financeiro somente não é suficiente, e as escolas públicas devem procurar conhecer a legislação para conhecer seus direitos e deveres e, assim, reivindicá-los.

O conhecimento das políticas públicas de leitura é fundamental para a qualificação de práticas escolares voltadas para o ensino e desenvolvimento da leitura. Pois, diante desse conhecimento, os docentes podem criticar essas políticas, reivindicando melhorias para o ensino e até mesmo requerer devida implementação dessas políticas; se tornando, enfim, sujeitos capazes de participar efetivamente de ações destinadas para o incremento da cultura de acesso à leitura e ao livro (ARAÚJO, 2014b, p. 11).

Desse modo, pensando no futuro das escolas e dos diversos alunos, torna-se cada vez mais necessário que se mantenham disciplinas voltadas para as políticas públicas e discussões acerca do presente tema nos cursos de licenciaturas das universidades. Por meio desse conhecimento, é possível avançar para uma sociedade que possua cada vez um número maior de leitores. Assim, torna-se viável o desenvolvimento de atividades e projetos de leitura, que despertem o gosto pela leitura nos alunos.

CAPÍTULO II

2. LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE REAL

“É preciso ensinar aos alunos a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre ao nosso lado.”
Ana Maria Machado

O letramento literário consiste na apropriação gradual das peculiaridades do texto literário, que deverão ser objetos de ensino, a fim de enriquecer o processo de leitura. Neste sentido, o letramento literário se torna o processo de apropriação da literatura como uma construção estética. Sendo assim, por meio de um trabalho consciente por parte do professor, o aluno consegue interagir com o texto literário para construir sentidos, perceber elementos como a intertextualidade, observar a linguagem de ficção (forte presença de imaginação) em sua apresentação, destacando a importância da presença estética e da função poética que a linguagem desse texto trata. Além disso, há, no texto literário, a escrita diferenciada, o trabalho com a palavra, seu aspecto conotativo e seus enigmas, despertando o interesse do aluno no processo de leitura. (COSSON, 2006)

Tendo como objetivo principal a formação de leitores críticos, capazes de compreender parte do mundo construído na e pela literatura que os cercam, não basta somente ler fragmentos de textos e resumos de obras, é preciso que o aluno esteja presente no mundo literário de forma plena, para desenvolver ideias e argumentos, potencializar seu manejo com a escrita, incitar a exposição oral sobre a obra, em suma, preparar o leitor para obter uma pluralidade de visões de mundo. Frente a isso, é possível afirmar que

a leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações cotidianas no ato de ler e ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura, ou porque seja prazerosa, mas sim, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer a articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2006, p. 30).

Deste modo, a formação desse leitor literário origina um leitor que possui critérios e conhecimentos para fazer as escolhas de suas próximas leituras, apreciar composições e significados verbais de cunho artístico, compreender o texto como construção de seus saberes e prazeres. Quando se trata da leitura literária, há várias possibilidades de compreensão do aluno ao realizar a reestruturação dos sentidos propostos pelo texto, uma vez que os repertórios acionados dos leitores, no momento da leitura, são diversificados. No âmbito escolar, o texto literário deve ter amplas aplicações em sala e ir além de atividades cujo único propósito é o ensino gramatical da língua, ou seja, desligando-se do sentido prazeroso da leitura literária. Além disso, a literatura deve ser desmistificada como leitura tediosa e difícil. Pensando assim,

ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena para o sentido do texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos. A leitura simples é apenas a forma mais determinada de leitura, porque, esconde sob aparência de simplicidade todos o ato de ler e ser letrado, é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2006, p. 30).

A leitura literária deve ter como objetivo despertar nos leitores o entusiasmo, o prazer com o texto lido. Sentir deleite pela leitura literária não requer, a princípio, que se tenha domínio do tema proposto. O leitor pode se identificar ou não com as experiências retratadas e, mesmo assim, gostar do modo com que elas são escritas. A partir de então, pode surgir a oportunidade de estabelecer-se um pacto, um laço de afinidade com o texto impresso, com as imagens etc., fazendo o aluno-leitor percorrer por universos que a leitura literária tem o poder de proporcionar.

Essa forma de leitura traz também outro aspecto importante, que é a parte estética, isto é, a parte artística desenvolvida intencionalmente pelo autor, a fim de explicitar todo o potencial estilístico da língua. Reconhecer tal faceta da literatura compete, pois, ao escopo do letramento literário. (COSSON,2006)

O texto literário tem como um de seus objetivos promover a interação leitores-textos, e o professor deve explorá-lo por meio de estratégias que despertem o interesse dos alunos, tragam diversão, autonomia de reflexão e entusiasmo, afinal, os textos literários levam em seu bojo a proposta de uma interlocução profícua entre autor-leitor.

O leitor é tão importante quanto o texto, sendo a leitura o resultado de uma interação. Trata-se, pois, de um diálogo entre autor e leitor mediado pelo texto, que é construído por ambos nesse processo de interação. O ato de ler, mesmo que realizado individualmente, torna-se uma atividade social. O significado deixa de ser uma questão que diz respeito apenas ao leitor, e ao texto para ser controlado pela sociedade (COSSON, 2006, p. 40).

Em princípio, a leitura literária propõe que a liberdade seja, de fato, relevante em sua prática, cujo único limite imposto é o respeito pelo repertório já construído de cada leitor, ou seja, a singularidade na interação que se determina entre textos e leitores. Logo, os gostos e as preferências de cada pessoa também devem ser levados em consideração na escolha de um determinado texto/livro, para que o processo de aprendizagem seja eficaz e a leitura, verdadeiramente, prazerosa.

Desta maneira, ela abre uma janela de novas possibilidades, para que o aluno possa expressar-se com liberdade e propriedade sobre seu processo de interação com o texto, podendo possuir subsídios linguísticos para que possa trazer à tona seus sentimentos e saiba traduzir de forma coerente as suas emoções, ampliando seu cabedal vocabular para que também se sinta capaz de formular perguntas, demonstrando, com isso, competência e sendo sujeito de sua própria autonomia, de seu próprio conhecimento. (COSSON, 2006).

Para que haja uma leitura literária efetiva, é necessária uma mediação correta e que contribua na interlocução que o leitor estabelece com o texto. Em decorrência disso, instigar, realizar inferências, levantar hipóteses, possíveis prévias e extrapolações acerca do texto fazem parte do papel fundamental que o professor deve refletir neste processo, para que haja uma leitura literária proveitosa.

Ler é um processo de extração do sentido que está no texto. Essa extração passa necessariamente por dois níveis: o nível das letras e palavras, que estão na superfície do texto, e o nível do significado, que é o conteúdo do texto. Quando se consegue realizar essa extração, fez-se a leitura. As dificuldades de leitura estão ligados aos problemas de extração ou seja, a ausência de habilidade do leitor em decifrar letras e palavras, que o impede de passar de um nível a outro ou ao grau de transparência do texto. O domínio do código é a condição básica para a efetivação da leitura, já que

feita a decodificação o leitor terá aprendido o sentido do texto. Ler é bem mais do que seguir uma linha de letras e palavras, também não se restringe a uma decodificação, nem depende apenas do texto, é um processo de construção, interação e posicionamento diante da narrativa (COSSON, 2006, p. 39).

Segundo Cosson (2006), o ato de ler é um instrumento de extrema importância durante toda a vida do aluno, porque é por meio dele que o sujeito adquire um melhor entendimento da vida e de outras situações que estão ou não ao seu redor.

Diante do ensino escolar brasileiro que temos hoje, os profissionais da educação precisam envidar todos os esforços na defesa das leituras ministradas aos/pelos alunos, enfatizando, em sala de aula, os benefícios que podem advir, caso a leitura se torne um ato natural, espontâneo e divertido, e não apenas uma tarefa mecanizada, obrigatória, como tem sido na maioria das escolas.

Dessa forma, o letramento literário exige do professor que ele seja um conhecedor constante de livros, não só na perspectiva teórica do letramento literário, mas também tendo a consciência de dar sentido ao mundo dos alunos por meio de palavras e ações advindas de sua experiência como leitor, mas ainda é necessário mais políticas públicas em relação a leitura, mais estrutura e formação.

Ademais, a leitura literária se estabelece por intermédio da leitura sem imposições, em que cada aluno cria e recria seu próprio universo, a sua realidade baseando-se em sua visão particular ao entrar em contato com determinada história de um livro. E, conseqüentemente, ampliando e fazendo perceber com mais acuidade e propriedade sua leitura de mundo. Além disso, com essa leitura, há a possibilidade da invenção, da criação. Este é um dos aspectos fascinantes que virá para enriquecer esta experiência. COSSON,2010). Dentre as várias possibilidades de vivenciar a leitura, há a da dramatização que também pode ser útil na amostragem de distintos ângulos da leitura para as mais determinadas faixas etárias:

A dramatização é uma dessas estratégias, pois propicia a exposição de um tema que os impactou, pelo inusitado de seu enredo ou pelo drama existencial que afeta qualquer ser humano. Isto é viver o livro literário, pois ao ser vivido imaginariamente no ato de ler ou ouvir, há a possibilidade de recuperar por nós, em nós, aquilo que de belo temos e não sabemos, ou somente intuimos, e aquilo que perdemos. A literatura, ao ser fruída em

contínua convivência, coloca-se como uma possibilidade muito concreta de ver e sentir a realidade de uma maneira inusitada. Neste sentido, as rodas de leitura, ao proporem uma leitura compartilhada, são um instrumento mediador importante para a formação do leitor infantil (OLIVEIRA, 2010 p. 46).

Eventualmente, ao fazer com que os alunos entrem em contato com o letramento literário e percebam que, por detrás das informações verbais, residem outros aspectos que precisam ser trabalhados para se adquira propriedade no trato com as palavras, é que se dão conta de que:

a palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal, pois não é um tempo cronológico que interessa, mas o tempo afetivo. Uma história tem que durar o tempo da liberdade do leitor e do ouvinte para que ele possa ser o coautor da história narrada, percebendo a experiência viva e criando na imaginação o que for sugerido pelo narrador (OLIVEIRA, 2010, p. 47).

Por isso, trazer a leitura literária para a sala de aula, além de ampliar, também enriquece as práticas de leitura, se vista com olhos mais atentos e cuidadosos. Os textos literários estabelecem diversas possibilidades, dentre elas, satisfazer o leitor, adquirir conhecimentos, refletir sobre situações existenciais, conhecer novas ideias, criar outras, além de estabelecer possíveis elos de afinidade ideológica através da narrativa e o leitor. E, nesse processo, os professores têm um papel fundamental, pois

Em suas mediações, o professor pode usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos pequenos leitores. A dramatização é uma dessas estratégias, pois propicia a exposição de um tema que os impactou, pelo inusitado de seu enredo ou pelo drama existencial que afeta qualquer ser humano. Isto é viver o livro literário, pois ao ser vivido imaginariamente no ato de ler ou ouvir, há a possibilidade de recuperar por nós, em nós, aquilo que de belo temos e não sabemos, ou somente intuimos, e aquilo que perdemos. A literatura, ao ser fruída em contínua convivência, coloca-se como uma possibilidade muito concreta de ver e sentir a realidade de uma maneira inusitada (OLIVEIRA,2010, p. 46).

De acordo com Cosson (2006), quando a escola determina as leituras sem a devida mediação técnica do professor, ao impor e ajustar os alunos a um

universo restrito de textos, de certo modo, ela limita seus horizontes, tolda outras visões de um determinado tema, e caminha para uma possível domesticação do leitor em formação, o que pode impedir seu desenvolvimento intelectual e provocar um assistemático desempenho escolar. Além disso, pode prejudicar o desenvolvimento livre, no caso de realizar escolhas pessoais de leituras que, realmente, lhe ajudará em sua trajetória escolar.

Outro ponto a considerar diz respeito à cultura. O professor é agente cultural e, portanto, mediador entre os objetos e eventos culturais que devem estar a seu alcance, para que ele possa assim dar condições de, pelo menos, conhecer e dar a conhecer às crianças aspectos da cultura. O livro literário inclui-se entre esses objetos culturais. Ele promove a socialização, a informação, a formação de opinião e o desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva sobre temáticas dos mais variados contextos. Ser mediador da leitura é conseguir compartilhar com a criança. Quando o professor é um entusiasta da leitura e comunica esse entusiasmo às crianças, existe grande possibilidade de que estas sejam seduzidas pela leitura, por conta da curiosidade sobre o que está sendo lido (OLIVEIRA, 2010, p. 51).

Em razão disso, a leitura literária se encontra ligada à cultura presente no ambiente escolar. Ela se mostra como uma prática de leitura crucial a ser abordada em sala que, com a mediação correta, só tem a enriquecer o universo do aluno-leitor.

CAPÍTULO III

3. PROJETO DE LEITURA: UMA ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

“Lemos para descobrir que não estamos sozinhos”.
C. S. Lewis

Sabemos que diversas escolas apresentam dificuldades em realizar atividades de leituras que sejam verdadeiramente interessantes e agradáveis, visto que a sociedade na qual os alunos estão inseridos, hoje, exige um novo modo de pensar e de agir. Conforme Lajolo (2005), a escola precisa investir em leituras que não sejam maçantes e que, de fato, façam sentido para os alunos. Dessa forma, as instituições precisam sempre estar organizadas e atualizadas para atender a essas demandas.

Para que seja possível formar alunos leitores críticos, é preciso disponibilizar as escolas todo o recurso necessário para que ela possa investir em projetos de leituras que sejam, de fato, produtivo. Dentro desses projetos, o professor possui papel principal, pois ele é quem irá fomentar esse gosto pela leitura. É necessário também que o professor conheça sistematicamente todos os seus alunos, o ambiente escolar e a sociedade na qual seus alunos estão inseridos.

Comumente, as atividades de leitura desenvolvidas em sala de aula refletem a vivência dos professores com a leitura. Se o docente não possui o hábito de ler e não é um leitor crítico, dificilmente conseguirá fazer com que seus alunos também se tornem leitores críticos. Isso porque, “como mediador da leitura, o professor é o especialista que precisa conhecer, selecionar e indicar livros para a criança, mas é preciso que ele próprio seja um usuário assíduo da literatura” (OLIVEIRA, 2010, p. 52).

A elaboração de um projeto de leitura é dividida em diferentes passos que são importantes para sua execução. Nesse sentido, Lajolo (2005) e alguns outros autores como Celedônio e Gradela (2018), descrevem alguns pontos necessários para se implementar um projeto de leitura que seja efetivo. Um primeiro ponto abordado pela autora é sobre a importância da leitura estar presente no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, pois é nesse projeto que se reúnem os

objetivos da instituição e os meios que ela pretende utilizar para alcançar esses objetivos.

A mobilização de toda a equipe escolar também é um ponto importante, pois, a partir disso, é possível que o projeto ocorra em toda a instituição. Partindo daí, ainda segundo Lajolo (2005), a escola precisa fazer um levantamento de todo o seu acervo, e permitir que alunos, professores e os demais membros da equipe escolar tenham conhecimento dele. Também importante que a escola possua livros com diferente temas e ilustrações (LAJOLO, 2005).

Um bom acervo de leitura para crianças é uma espécie de cartografia do Brasil e do mundo: tem história de gente, de bicho e de planta. De gente de toda parte do mundo e de todos os cantos do Brasil: índio, caipira, migrante, branco, imigrante, negro... História de pai, de mãe, de pai novo e de mãe nova, de avô e de avó, e até de bisavô e bisavó. História de letras e de números. De reis e de fadas, de meninas e meninos, de professores e de alunos. Enfim, tem de tudo (LAJOLO, 2005, p.15-16).

Os livros que se pretendem trabalhar dentro de um projeto devem ser discutidos e analisados previamente pelo professores. É necessário debater as obras e as expectativas sobre elas. Uma boa alternativa é, se possível, a leitura do acervo escolar. Desta forma, cada professor pode ler um livro e, depois, eles poderão trocar as sensações que tiveram, opiniões etc., lembrando que tudo isso pode ser registrado, visto que todas as vezes que se tiver dúvida em ler ou trabalhar algum livro, basta conferir nessas anotações quais são opiniões de quem já o leu, sempre levando em conta o gosto literário dos alunos (LAJOLO, 2005). Assim, o professor deve

criar oportunidades para que as crianças interajam livremente com livros e textos literários de um modo geral e sugerir, em algumas ocasiões, que elas indiquem qual leitura será realizada na roda de histórias podem sinalizar, para o professor, quais as preferências de seus alunos. O interesse previamente demonstrado por determinadas temáticas, autores, gêneros literários, certamente será um bom começo para a conversa a ser desencadeada antes, durante ou depois da leitura. Neste sentido, entendemos que o professor deve ficar atento para evitar uma perspectiva adultocêntrica, de censura prévia e que restrinja as leituras de seus alunos, embora possa, eventualmente, argumentar junto a eles que determinadas leituras serão mais bem aproveitadas em etapas posteriores da vida (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 77).

Após conhecer o acervo escolar e se familiarizar com as obras, é necessário torná-las acessíveis. É imprescindível que os livros estejam disponíveis para os alunos, pois eles precisam se sentir incluídos e autônomos. Ainda assim, percebemos em nossas vivências, que algumas escolas não possuem um espaço destinado para a realização leitura, ou os livros ficam guardados em uma sala específica e os alunos não têm nenhum contato com a leitura em outro ambiente que não seja o da sala de aula.

O próximo passo é o planejamento das ações do projeto e sua metodologia. Celedônio e Gradela (2018) dizem que o planejamento é o ponto culminante do projeto. Dentro dele, a escola precisa colocar, como um dos pontos principais, a participação dos familiares, que poderão ir até a instituição para realizar contação de histórias e ser mediadores dentro do projeto proposto. É preciso constar quais os métodos que serão utilizados, recursos didáticos, quais atividades serão realizadas dentro do projeto, local de desenvolvimento, quantidade de alunos atendidos, prazo de execução, quais as formas de avaliação, dentre outros. Também é dentro dessa etapa que são delegadas as funções e a distribuição de tarefas.

Segundo Lajolo (2005), quando os pontos acima forem atendidos e todo o planejamento for finalizado, é necessário partir para a efetivação da leitura. A escola pode fazer dias mais festivos, com relatos de experiências dos professores, funcionários e alunos com a leitura, se possuem alguma insatisfação, como era a prática de leitura quando estudavam, o que mais gostavam etc. É possível fazer também um dia de “história das histórias” que foram lidas pelos alunos, conhecendo o que mais gostam de ler e os livros lidos em comum. É recomendável que tudo isso seja registrado, assim, a escola poderá ter um diário das leituras. “O repertório de lembranças pessoais pode servir, portanto, como referência para identificar bons modelos de mediação de leitura por parte de adultos ou, em contraposição, como forma de se colocar no lugar da criança” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 76).

Desse modo, é necessário dar ênfase, novamente, à questão da escolha dos livros literários que serão trabalhados no decorrer do projeto, pois tal escolha é essencial para o seu desenvolvimento. “Selecionado o livro, é preciso trabalhá-lo adequadamente em sala de aula. Já sabemos que não basta mandar os alunos

lerem” (COSSON, 2006, p. 36), é preciso mostrar pra ele como deve ser realizada essa leitura.

Dentro da efetivação da leitura, é preciso saber quais serão os tipos de perguntas de compreensão feitas dentro do projeto. Brandão e Rosa (2010) listam uma série de categorias de perguntas que são fundamentais: perguntas de ativação de conhecimentos prévios; perguntas de previsão sobre o texto; perguntas literais ou objetivas; perguntas inferenciais; perguntas subjetivas. Dessa forma, é possível realizar uma conversa que acrescente os significados construídos pelos alunos de forma mais significativa.

Um dos fatores extremamente importantes nem um projeto de leitura é o incentivo, que deve partir do professor, dos demais componentes do ambiente escolar, de pais, familiares etc. “O período em que mais se lê é durante a escolarização, e os textos livros recomendados pela escola são os mais usualmente lembrados pelos leitores” (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 77). É fundamental mostrar aos alunos que podem ser leitores e, para isso, é necessário que o professor desenvolva atividades em que cada um leia pelo menos uma vez. A partir daí, pode ser trabalhado o respeito, a atenção, o ouvir, a obediência, podendo sempre alternar os modos de leitura (LAJOLO, 2005).

Dentro do projeto, a leitura pode ser realizada de diversas formas: em voz alta, silenciosamente, leituras em grupos etc. A leitura em voz alta é importante, porque o leitor está transmitindo para os ouvintes aquilo que está sendo lido. Como nos diz Lajolo (2005), quando lemos em voz alta, nos tornamos porta-vozes daquilo que estamos lendo. Dentro dessa forma de leitura, pode haver uma leitura mais dramática, com entonações, expressões, fazendo com que o texto fique mais interessante para quem está ouvindo, ou então, é possível fazer uma leitura maçante, de forma mecânica, sem aguçar nenhum tipo de entusiasmo nos ouvintes.

Por último, há a aplicação do projeto. O professor e os alunos são os pontos principais para que um projeto de efetive. Diretores, coordenadores pedagógicos podem desenvolver ótimos projetos, mas somente o professor e o aluno são capazes de fazer com que ele se desenvolva. Por isso, é tão importante que o professor esteja na elaboração do projeto, pois ele precisa entender esse

projeto, se sentir pertencente, para, então, executá-lo. Todos os pontos sugeridos até aqui devem ocorrer coletivamente, pois um depende do outro e também é necessário que se tenha a participação de toda comunidade escolar. (LAJOLO,2005).

Segundo Cosson (2006), a literatura precisa ter seu espaço dentro da sala de aula, e isso ocorre mais facilmente quando se tem projetos de leitura nas escolas. Cosson (2006) assinala que esse espaço pode ser dividido em três partes: o espaço do texto, que é o espaço da leitura do texto literário que se refere ao contato com a obra; o espaço do contexto, que aborda a literatura como conhecimento, por causa desse contexto, qualquer obra literária pode ser transformada em objeto de ensino; e, por último, o espaço do intertexto, ou seja, da intertextualidade, da relação entre os textos literários. Porém,

convém ressaltar que esses não são os únicos espaços que a literatura deve e pode ocupar na sala de aula, mas começar por eles certamente nos ajuda a mostrar que a leitura literária é essencial não apenas para a formação do leitor, mas para formação do ser humano que é a razão maior de toda educação – é sobre essa formação, em última instância, que trata a tradição do ensino da literatura. Na sala de aula, a literatura precisa de espaço para ser texto, que deve ser lido em si mesmo, por sua própria constituição. Também precisa de espaço para ser contexto, ou seja, para que seja lido o mundo que o texto traz consigo. E precisa de espaço para ser intertexto, isto é, a leitura feita pelo leitor com base em sua experiência, estabelecendo ligações com outros textos e, por meio deles, com a rede da cultura. Afinal, construímos o mundo com palavras e, para quem sabe ler, todo texto é uma letra com a qual escrevemos o que vivemos e o que queremos viver, o que somos e o que queremos ser (COSSON, 2010, p. 67).

Outro ponto abordado por Lajolo (2005) são as anotações do que se lê durante o desenvolvimento do projeto. Essas anotações podem ser feitas nas turmas de alunos que estejam nos anos finais do fundamental I, que, na maioria das vezes já possuem o hábito da leitura e escrita. Após a leitura, o professor pode pedir para que os alunos anotem o que leram ou o que ouviram. Dessa maneira, é possível saber como foi sua compreensão sobre o que foi lido. “Aprender a tomar notas do que se ouve é utilíssimo em diversas ocasiões dentro e fora da escola”. (LAJOLO, 2005, p. 35).

Em suma, se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe coisa tal. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser o objeto de leitura e assim por diante. A leitura simples é apenas a forma mais determinada da leitura, porque esconde sob a aparência de simplicidade todas as implicações contidas no ato de ler e de ser letrado. É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo (COSSON, 2006, p. 30).

Partindo do que nos diz Cosson (2006), a maneira de ensinar vai refletir no modo de leitura dos alunos. Para que isso ocorra, saber escolher o texto e o livro os quais se vão trabalhar são tarefas essenciais. Após selecionar o livro, é preciso trabalhá-lo adequadamente em sala de aula. O professor, além de ser leitor, precisa ser um leitor literário, pois só assim ele poderá fazer com que as atividades propostas sejam significativas para si e para os seus alunos.

Assim, é necessário que o professor tenha coerência no processo de mediação do desenvolvimento intelectual da criança que estiver sob sua responsabilidade profissional. É ele quem assume o papel de responsável pela interação entre a criança e o livro. Em suas mediações não deve aceitar textos preconceituosos, que desrespeitem as etnias, os gêneros humanos, os portadores de necessidades especiais, os analfabetos, a variação linguística, o comportamento regional, o meio ambiente, os diferentes grupos sociais. Ele necessita ter presente que os valores éticos e morais do ser humano são sempre resultado de sua formação ao longo da existência e, portanto, também depende dele contribuir para o desenvolvimento de sua capacidade de ler o mundo e refletir sobre ele. As histórias lidas ou ouvidas desenvolvem a competência de discernir (OLIVEIRA, 2010, p. 52).

Após a aplicação do projeto, é possível elaborar uma última atividade, em que pode ser exibido, para a escola, o que foi produzido durante a realização do projeto, o que, no caso, seria a avaliação dos resultados. Segundo Celedônio e Gradela (2018), na avaliação, é possível descobrir se os objetivos que foram traçados na elaboração e durante o planejamento foram alcançados, também é o momento de analisar quais foram os pontos positivos e negativos, a fim de fazer melhorias para os próximos projetos. Toda a finalização pode ser feita como uma forma de exposição do que foi produzido para toda comunidade escolar.

CAPÍTULO IV

4. NAVEGANDO NA LEITURA COM O LIVRO *O JARDIM SECRETO*: UMA ANÁLISE EM FOCO

“O melhor de um livro não é o pensamento que ele contém, mas o pensamento que ele sugere; assim como o encanto da música não está nos tons, mas nos ecos que produzem em nossos corações”.
Oliver Wendell Holmes

Neste capítulo, iremos discorrer sobre a análise de um projeto desenvolvido em uma escola da rede municipal da cidade de Mariana, no Estado de Minas Gerais, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. A análise será dividida em três etapas, sendo elas a pré-leitura, a leitura e pós leitura. Segundo Celentine (2004), tais etapas são conhecidas como estratégias de leitura. Dentro das etapas, abordaremos o que foi produzido e aplicado pela professora da turma, assim como seus pontos positivos e negativos. Vale ressaltar, que para realização da análise do projeto, foi assinado uma carta de autorização como documento que resguarda a não exposição da professora e da instituição, permitindo a exploração das atividades acerca do projeto.

A obra trabalhada dentro do projeto desenvolvido pela escola foi *O jardim secreto*, adaptado pela escritora Ana Maria Machado, referência na literatura infantil brasileira. Esse clássico foi produzido pela autora inglesa Frances Hodgson Burnett, publicado em 1911. Inicialmente, a escola marianense possuía apenas quatro exemplares da obra, então seriam lidos por quatro alunos sucessivamente, depois o restante dos exemplares foi doado para toda turma.

No projeto de leitura analisado, a professora apresenta o livro, a autora, a adaptadora, e o contexto no qual a obra foi escrita. Logo depois, informa os objetivos (gerais e específicos) que se espera alcançar. Como objetivo geral, a professora pautou o seguinte:

O objetivo consiste em incentivar e estimular o prazer e o interesse pelo mundo da leitura, levando os alunos a perceberem as imensas possibilidades de um livro e tudo que nele está contido de conhecimento, sabedoria e informação. Com base em assuntos de interesse próprio da idade. *O Jardim Secreto* revela o fascínio dos primeiros contatos com a natureza e a importância que ela exerce no fortalecimento das amizades (PROJETO DE LEITURA, 2018, p. 3).

E como objetivos específicos:

- Promover e incentivar o gosto pela leitura e pelos estudos;
- Facilitar o acesso ao acervo literário da escola;
- Propiciar práticas de leitura numa perspectiva lúdica e dentro do universo da faixa etária dos alunos;
- Melhorar os resultados de aproveitamento do rendimento escolar;
- Estimular o raciocínio, a linguagem, a escrita e a atenção;
- Enriquecer a vivência, a convivência e a cidadania.
- Fortalecer o entendimento sobre amizade (PROJETO DE LEITURA, 2018, p. 3-4).

Logo após, a professora descreveu todo o desenvolvimento do trabalho, o que foi feito durante as atividades, como ocorreu a culminância e a forma de avaliação feita. Tais pontos serão apresentados a seguir na análise feita em três perspectivas.

4.1 Pré-leitura

A pré-leitura é o momento de uma análise global do texto. Dentro dessa etapa serão levantados os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao que será trabalhado durante o projeto, e o que poderá ser utilizado pela professora durante todo o seu desenvolvimento. (CANTALICE, 2004). No projeto de leitura analisado, a professora começou apresentando aos alunos o livro, a autora /adaptadora e o contexto da obra.

No início do projeto a professora apresenta uma espécie de biografia da autora e adaptadora, como por exemplo, lugar de origem, quantas obras publicadas, obras de maior sucesso, toda sua história. Claramente, essas informações são

importantes para que o alunos conheçam a autora do livro que será trabalhado, o que pode ajudar também na interpretação deles sobre a obra lida.

Para trabalhar a pré-leitura, a professora utilizou a primeira etapa do desenvolvimento que foi denominado por ela como: “Elaboração do Projeto e Motivação para o desenvolvimento do projeto”. Nessa primeira etapa, ocorreu a entrega dos livros aos alunos, a apresentação do que seria trabalhado durante o projeto, assim como as discussões sobre a obra a ser lida.

Seria importante utilizar diferentes materiais e técnicas para abordar a literatura, como cânones que guardam traços históricos e a construção da língua, livros atuais que possuem riqueza cultural e linguagem diversificada, com os livros e textos na forma de abordar o prazer e gosto pela leitura, pois é de grande importância que os alunos saibam e acessem a diversidade dos textos e veículos que possam abordar a leitura de outras formas. (CANTALICE, 2004).

De acordo com Cantalice (2004), neste primeiro momento antes de realizar a apresentação do projeto para os alunos, seria importante fazer leituras e disponibilizar materiais como (textos, revistas, imagens) para despertar o interesse dos alunos, como um movimento de pré-leitura como tática para melhor leitura e envolvimento nas produções acerca do projeto. Dispondo assim de conhecimento prévio, considerando que o leitor já tenha feito contato com outros livros e textos de concepção semelhante, eliminando assim dificuldades que possam surgir ao longo do projeto.

Conforme Silva e Martins (2010), mostra-se necessário que aos alunos demonstrarem conhecimentos prévios seria adequado criar um ambiente preparatório, onde eles fariam contato com a literatura antes mesmo do projeto. Seria um grande benefício que os alunos demonstrassem envolvimento e fruição e construído conhecimentos prévios descartando a hipótese de ser um contato inicial com a leitura literária, desta forma favorecendo as atividades a seguir e a leitura a ser realizada pelo projeto. Assim, poderiam ser explorados vários aspectos, como a oferta de uma gama de livros em que os alunos pudessem ser divididos em grupos para a escolha e leitura de um determinado livro. Após essa leitura seria importante que os alunos pudessem se expressar e expor sentimentos, opiniões e interpretação, afinal nos posicionamos melhor e laboramos aquilo que dominamos ou já se obteve contato para ler, analisar e descrever (CANTALICE 2004).

Portanto, a atitude de possibilitar aos alunos, livros e texto de literatura antes da execução do projeto se mostra um ato de intervenção crucial na pré-leitura. Com isso seria pertinente que o professor disponibilize outras representações que possam articular a leitura literária além de livros, poemas que se tornaram letras de música, livros que foram expressados em filmes, cânones literários manifestados em peças de teatro, mostrando a importância do gosto pela literatura e a estética expostos de diversas formas para que desperte o interesse dos alunos pela leitura literária e a frente com o projeto possam ser exploradas, enfim já se deu a disseminação da oferta diversa para os alunos. (COSSON, 2014).

Aparentemente, ao fortalecer o ambiente preparatório e ofertando uma gama de alternativas para contato, manuseio e leitura desses materiais, os alunos vão estar mais preparados e semanticamente, naturalizado com o texto e suas intenções. Para que o aluno esteja familiarizado com a leitura literária é importante que o professor ofereça materiais, seja conhecedor desse material e um leitor em que realiza dinâmicas como leituras, exploração de vários livros para que fortaleça e explore o gosto pela mesma. (COSSON, 2014).

4.2 Leitura

Nessa segunda etapa foi o momento da leitura propriamente dita, no qual ocorre a compreensão do que foi abordado no texto. Também é onde foram desenvolvidas as atividades e a culminância do que foi trabalhado e realização das ações. No projeto analisado essa etapa se divide em duas fases.

No primeiro momento foi exibido aos alunos o desenho *O jardim secreto* e, logo após, o filme. Em relação a isso, houve discussões sobre o que foi reproduzido no livro lido por eles, se houve mudança na histórias, se eram os mesmos personagens que foi exibido no desenho e no filme, entre outros.

Um dos desafios encontrados pela professora no início da elaboração do projeto era o acesso de todos os alunos ao livro jardim secreto. Inicialmente seria 4 alunos por vez, o projeto demandaria um tempo maior de execução para que todos realizassem a leitura. Outro desafio seria o interesse dos alunos para realizar as

atividades propostas e ver sentido nelas. Percebe-se que ao longo do projeto todas essas dificuldades relatadas pela professora inicialmente foram supridas.

Logo após os alunos realizam o preenchimento da ficha literária em relação ao livro, com elementos centrais a serem explicitados como narrativa, personagens, gênero, lugares e as principais ideias do texto. É importante ressaltar a importância da ficha na construção do letramento literário, onde se reconhece o clímax da obra, autor etc.

Dessa forma, a ficha se torna dispensável ao longo do processo de análise e execução do projeto, por compreenderem do que se trata e desta forma possuem pretensão de aprofundamento considerável em explorar outras partes do texto. O texto literário se apresenta com uma linguagem diferenciada, demonstrando que o texto possui relação explícita com as imagens, havendo o intuito de interação e finalidade de aproximação entre leitor e texto, com o intuito de despertar a imaginação e conseqüentemente enquanto lê o texto e se consome da narrativa e das ações, mudanças e expectativas que ocorrem.

Ao trabalhar a leitura literária a professora, explora um gênero textual específico com o livro *O jardim secreto*, que seria notícia, interessante a proposta, mas que poderia ser aprofundada em outras produções e registros, como textos dissertativos em que o aluno se posiciona em relação ao texto, e aos gêneros textuais existentes, como charges, que seria um cartaz que ilustrasse a parte que mais lhe chamou atenção e explicasse sua justificativa. Tem também poema, contos, teatro, romance, fábula onde os alunos se apropriam do texto e recriam suas próprias possibilidades e realidades a partir da leitura inicial e trazem as especificidades de cada gênero a partir do livro, isso poderia ser feito em grupos divididos em sala, para haver diversas produções a partir daquele único texto, gerando outros. (COSSON, 2014).

A professora também propõe atividades sobre a descrição dos personagens e do seu desenvolvimento ao longo de toda história, em que a primeira etapa foi a de registrar coletivamente o perfil dos principais personagens da história, escrevendo uma frase sobre cada um deles, devendo considerar as características físicas e emocionais dos personagens, além de seu desenvolvimento ao longo da trama. Na segunda etapa foi solicitado aos alunos que escrevessem um texto narrado por Colin (personagem do livro) relatando como o encontro com Mary e Dickon (personagem do livro) mudou a sua vida.

Segundo Cosson (2014), outro ponto seria o aluno se expor como se sente no papel de receptor do texto e como ele recebe seja de forma positiva, negativa, surpreso, indiferente, atento aos fatos, imaginando e querendo possíveis finais para o livro. E, por fim, como ele vê o narrador se ele consegue realizar a inferência, construir sentidos e contextualizar a finalidade que aquela narrativa tem, conseguir visualizar que o texto possuem pontos como: o leitor e sua recepção, o autor e suas relevâncias, o texto que seria a narrativa e seus objetivos e o contexto que se trata do sentido que o aluno retira do texto e leva para sua vida.

Da mesma forma ela continua explorando a leitura, após o gênero, a professora propõe a correção ortográfica das notícias feitas a partir do texto, mas seria possível aprofundar em produções de texto em que os alunos pudessem se expressar com posicionamentos diante do texto na construção de outro texto, não só o registro escrito, mas também o oral e ilustrativo. (COSSON, 2006). A professora até realiza essa ação mais à frente porém escolhendo quais devem ser as ilustrações, é uma forma de privar o aluno ou predizer o que deve ser feito, seria mais interessante um desenho livre do que mais gostou e chamou atenção, podendo ser de uma cena, personagem, cenário, objeto, interação de dentro do texto ou construir um livro só de desenhos feitos pelos alunos, como um produto, uma revista ilustrativa de cada aluno criando uma outra história só com imagens e até de partes do livro reescrita com suas palavras.

A princípio a partir da leitura realizada as atividades que são propostas, exploram de forma significativa os personagens. Neste ponto a professora ao realizar esta atividade, pretende que o aluno tenha maior atenção e analise de forma detalhada e atenta os personagens principais da história expondo alternativas, porém que poderiam ser observadas e descritas pelos alunos em um registro para depois serem observadas se há um personagem ou situação predominante entre os alunos.

Ao realizar esta ação a professora consegue perceber, o interesse dos alunos pela leitura e interação com o texto. Recomenda que a mesma vá além possibilitando os alunos de um registro mais profundo e detalhado, por que desta forma seria possível destacar emoções expressadas e perceptíveis que cada personagem transmite ao leitor e quando há essa percepção, qual a importância dela na construção de sentidos dos texto. Seria uma alternativa além de uma

simples indicação de alternativa, mostrando uma opção de análise relevante, mas com limites por ser a exposição de um personagem.

No segundo momento da fase da leitura, a professora trouxe como objetivo a culminância do que foi lido. Nessa etapa, propôs os seguintes pontos:

- Em forma de seminário discutiremos as várias interpretações sobre o livro;
- Visita ao Jardim de Mariana, na praça Gomes Freire. Discussão se há alguma relação do Jardim do livro com o visitado. (Um pouco da história do Jardim de Mariana, em texto e fotos);
- Exposição das artes individuais produzidas sobre a visita ao Jardim e o livro (PROJETO DE LEITURA, 2018, p. 4).

Quando se trata da culminância, é importante ressaltar a ideia que a professora teve em levar os alunos para conhecer um jardim na forma física. Para trabalhar a história do jardim de Mariana, a professora se baseou no livro *História da Praça Gomes Freire: o Jardim de Mariana*, de Patrícia Paiva (2010). Depois, trabalhou com imagens antigas e atuais desse mesmo local. Esses três pontos foram enriquecedores na ajuda da compreensão dos alunos. Ao visitar o jardim da cidade, os alunos puderam fazer várias comparações, assim como ocorreu com a exibição do filme e do desenho.

É notável o acréscimo que a experiência do projeto e trabalho executados, conseguindo despertar o interesse dos alunos pela leitura. Afinal pode se recriar espaços, imaginar situações hipotéticas no jardim físico e relacioná-los a leitura feita. Em virtude disso essa ação do projeto mostrou-se um benefício, mostrando as várias possibilidades que a leitura possui, podendo ser recriada e interpretada de vários aspectos e partindo do concreto e da realidade que os alunos vivem. Conclui-se que ler é um diálogo, há percepções e interações dependendo de como se explora o texto. Por que leituras não podem ser mensuradas, compreende-se ao ler, entende-se lê se com alguém, para alguém e esse ato não pode ser considerado solitário em si mas também coletivo, este projeto pode se identificar que alunos ao ler e o mesmo livro gera trabalhos, produções textuais e percepções enriquecedoras provindas de um mesmo referencial.

4.3 Pós-leitura

A etapa da pós-leitura é o momento de saber quais conhecimentos foram gerados pelo projeto, as formas de avaliação do desenvolvimento do projeto em si, se os objetivos foram ou não alcançados e o porquê. Segundo Cantalice (2004), nessa fase podem ser realizados questionários, formulários a fim de compreender a opinião dos alunos sobre o que foi trabalhado.

Ainda no primeiro momento, a professora realizou algumas atividades de associação dos personagens com suas características, descrição dos personagens e atividades onde era necessário que os alunos lembrassem tudo o que haviam entendido sobre o livro. Logo após foi feita a leitura da primeira parte do livro com o intuito de aguçar o interesse dos alunos.

Dessa forma, após o primeiro contato com o livro, com suas imagens, após ter assistido ao filme e o desenho, foi solicitada o preenchimento da ficha literária, onde os alunos responderam questões como número de páginas, editora, ano de publicação, local da história etc. Assim, percebe-se que a ficha literária se torna mais útil no início da ação do projeto, por ser uma ferramenta de preenchimento de elementos básicos e iniciais do texto. (PAIVA, 2010)

A produção final do projeto consistiu-se na construção de um jardim suspenso produzido pelos próprios alunos na escola. Cada aluno usou uma garrafa PET como um vaso e todos os dias eles cuidavam desse jardim, fazendo análise de qual planta se desenvolvia mais do que a outra, trabalhando juntamente a interdisciplinaridade, [...] qualquer disciplina pode aproveitar o contexto da obra literária para destacar elementos importantes para sua área de conhecimento, não sendo exclusividade do ensino de língua esse tipo de exploração do contexto literário [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 63). Esse tipo de produto que o projeto gera físico é interessante, aquele que vai além da leitura e da sala de aula, trazendo o conhecimento de mundo e a relação com o cotidiano que o texto cria nos alunos, esse tipo de construção de sentido na forma prática enriquece o trabalho, trazendo elementos e objetos de construção social a partir da narrativa. (COSSON, 2006).

A professora poderia ter proposto dentro das atividades a realização de um Diário de Leitura, pois cada aluno recebeu esse livro de uma forma, cada um

possuiu um tipo de leitura. Com o diário de leitura, há a construção de uma posição diante da leitura que pode ser expressa durante todo esse processo desde o início até o final, assim a professora teria um gama de possibilidades, de avaliar e ver como os alunos se posicionam e transformam antes durante e após o projeto, porque o diário te permite enxergar profundamente a visão particular e íntima do que o aluno e leitor ao executar tais atividades se sentiu e como isso o toca e o transforma, do que fica a experiência, seus desejos e desafios, construção de sentidos, o diário é um registro grande que guarda todos os outros do desempenho do aluno. (COSSON, 2014).

Dentro da execução do projeto, a professora não desenvolveu atividades que focam na importância da leitura literária. Ela poderia ter trabalhado pontos, como a história foi contada, quais os recursos linguísticos utilizados pelo autor, reconhecendo suas particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Portanto, concluímos, com o presente trabalho, que as práticas de leitura no ambiente escolar são importantes para o desenvolvimento do indivíduo. Inicialmente, quando elaboramos o projeto monográfico, nosso propósito era de poder observar essa prática em sala de aula, mas infelizmente, a professora não desenvolveu o projeto esse ano por estar trabalhando em uma sala multisseriada. Sendo assim, após conversa com a orientação e com a escola, optamos em realizar a análise somente do projeto escrito que foi aplicado na escola.

Após a análise, um dos pontos cruciais desta monografia, percebemos que tais práticas vêm sendo aplicadas nas escolas, mas ainda está muito presente a questão da cobrança da leitura como prática meramente avaliativa. Segundo a professora que elaborou o projeto, os alunos muitas vezes chegam no final do ensino fundamental sem gostar da leitura, de livros, e é por isso que ela sempre desenvolve projetos de leituras, para trabalhar e aprimorar esse gosto em seus alunos.

Vale ressaltar que os objetivos delineados no início deste trabalhos foram alcançados. Como objetivo geral conseguimos apresentar a importância da leitura literária no cotidiano escolar para a formação do leitor e suas contribuições em sala de aula. Como objetivos específicos realizamos um breve levantamento histórico a fim de expor as políticas públicas que incentivam as leituras nas escolas brasileiras; identificamos as contribuições da leitura literária e como ela contribui para a construção do perfil leitor e por fim promovemos uma análise detalhada do projeto de leitura desenvolvido em uma escola municipal de Mariana.

Um dos pontos que analisamos e conseguimos identificar é que a ideia de se trabalhar um projeto de leitura que promova mudanças no processo de formação dos alunos necessita de diversos fatores e não somente do professor, mesmo ele sendo um ponto crucial. A escola precisa possuir recursos, materiais, autorizações para que o projeto seja desenvolvido dentro desse ambiente.

Com isso, podemos compreender que partir da realidade do aluno faz parte desse processo formativo e para isso é necessário um bom mediador nesse processo de formação. A falta de interesse e o não acesso exploratório dos alunos

por meio de livros e bibliotecas são muito comuns, mas é preciso desconstruir a ideia de que somente o professor promove esse incentivo e acesso. A escola é um espaço para que haja encontro entre aluno e leitura, e o professor serve como suporte dessa relação.

Concluimos que, as práticas de leituras em sala de aula, podem ocorrer diversas formas, tanto internas quanto externas como foi realizado pela professora do 5º ano. A leitura está presente todo o tempo em nossa vida, é um ato que deve ser realizado com prazer, não sendo um ato isolado ou mecânico, devemos ler porque gostamos de ler e não porque somos obrigados a ler. Foi nesta perspectiva que desenvolvemos este trabalho, valorizando o projeto de leitura assim como a iniciativa do professor para contribuir com o gosto e a formação literária dos seus alunos.

Ao desenvolvermos este trabalho podemos concluir que a partir de experiências vividas como a participação do PIBID (Programa de iniciação à docência), surgiu nosso interesse pelo tema que foi realizar a análise de um projeto de leitura, mostrando o valor e como a iniciativa de um professor pode vir a contribuir de forma considerável para o processo de formação integral do aluno. Desta maneira nos foi revelado a importância de várias possibilidades e abordagens que possam transformar a sala de aula e o ensino. Enfim, quando partimos na trajetória do professor e na transformação que esse processo venha ocasionar frutos no processo de ensino aprendizagem, destacando os benefícios que este trabalho pode proporcionar, como melhorias e resultados satisfatórios para despertar o interesse, promover o diálogo e realizar construção de sentidos, letramento literário a partir do texto e atividades realizadas pelos alunos que marcaram sua formação.

Seja na escola ou em casa, o gosto pela leitura se desenvolve pelo contato e experiências que o indivíduo possui com a mesma. É o estímulo que o aluno recebe, o contato que ele consegue ter com os livros ao longo de sua formação que vai transformando sua forma de ver a vida, o mundo e suas necessidades. A maioria dos alunos ainda não tem consciência da importância e da necessidade da leitura em seu processo de ensino e aprendizagem, e através de práticas significativas como o projeto que aqui foi apresentado é possível alcançar e /ou se aproximar dessa consciência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria da Conceição Rego de. **Políticas públicas nacionais de fomento à leitura: contexto histórico, contexto educacional**. UFRN.2014a. Dissertação de Mestrado. Brasil. Disponível em:

https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22893/1/MariaDaConceicaoRegoDeAraujo_DISSERT.pdf. Acesso em: 10 de jan. 2019.

ARAÚJO, Maria da Conceição Rego de. **Políticas públicas nacionais de fomento à leitura e suas repercussões para a Educação Básica**. UFRN.2014b. Disponível em <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/867.pdf> Acesso: 10 de jan. 2019.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 20, 2010. Cap.4. p.69.88.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 28 abr. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Guia do livro didático-PNLD** Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. 2007. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/funcionamento>. Acesso em: 24 de abr. 2019.

CANTALICE, Lucicleide Maria de. **Ensino de estratégias de leitura**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 8, n. 1, p. 105-106, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100014 Acesso em 11 de jun. 2019.

CELEDÔNIO, Priscila; GRADELA, Alilian. **A biblioteca e a formação de leitores**. Curso de formação de leitores/ Fundação Demócrito Rocha. Universidade aberta do Nordeste. Fortaleza. n°05/2018. Disponível em: <http://ava.fdr.org.br>. Acesso em 30 de mai. 2019.

CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. **Políticas Públicas de Fomento à Leitura no Brasil: uma análise (1930-2014)**. Educação & Realidade, v. 43, n. 4, p. 1477-1497, 2018. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-62362018000401477&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 12 de jan. 2019.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.191 p.

COSSON, Rildo. **Letramento literário teoria e prática: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. 139 p.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 20, 2010. Cap.3.p.55-68.

Decreto-Lei nº. 93 de 21 de dezembro de 1937. **Cria o Instituto Nacional do Livro. Diário Oficial da União** - Seção 1 - 27/12/1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del093.htm. Acesso em: 27 de jan. 2019.

HADDAD, Fernando. Desafios a vencer. In: MARQUES, Neto; CASTILHO, José (Org). **PNLL: textos e história**. São Paulo: Cultura Acadêmica. Editora, 2010. p.27-29. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5QJujJhZbE9Y3hleEJqVS1taG8/view>. Acesso em 20 de jan. 2019.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** São Paulo. Unicamp. Setembro.2005. Disponível em: <http://files.trabalhoprofessor.webnode.pt/200000072-f0a3400677/Meus%20alunosn%C3%A3o%20gostam%20de%20ler....pdf>. Acesso em 15 de mar. 2019.

MARTINS, Milena Ribeiro; SILVA, Marcia Cabral da. Experiências de leitura no contexto escolar. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 20, 2010. Cap.1.p.23 -40.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 20, 2010. Cap.2.p.45-54.

OLIVEIRA, DPW de. **Políticas públicas de fomento à leitura: agenda governamental, política nacional e práticas locais**. 2011. 146f. 2011. Tese de Doutorado. Dissertação, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8248/62090100021.pdf?sequence=1>. Acesso em 30 de jan.2019.

PAIVA, Aparecida. Catálogos de editoras e escolhas docentes no contexto escolar. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção explorando o ensino**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 20, 2010. Cap.9.p.-171-182.

RETRATOS da Leitura no Brasil. 4ª EDIÇÃO. **São Paulo: Instituto Pró-Livro**, 2016. Disponível em:
http://prolivro.org.br/home/images/2016/pesquisa_retratos_da_leitura_no_brasil_-_2015.pdf. Acesso em 23 de fev.2019.

APÊNDICE 1

Modelo da Carta de autorização assinada pela escola.

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, responsável pela “Escola Municipal XXXXXXXXXXXXXXXX, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada “Projeto de Leitura no Ensino Fundamental I- As relevâncias da leitura Literária”, sob responsabilidade das pesquisadoras, Carolina da Silva Xavier e Rafaela Ramos sacramento, graduandas em Pedagogia pela Universidade Federal de Ouro Preto, onde não será divulgado nenhum dado sobre a escola na pesquisa. Para isto, foi disponibilizado as pesquisadoras o projeto “Navegando na Leitura com o Jardim Secreto”.

Mariana, 06 de Junho de 2019.

ANEXO 1

Projeto de leitura utilizado para análise.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL [REDACTED]**

**NAVEGANDO NA LEITURA COM O
LIVRO
“O JARDIM SECRETO”**



“Se você olhar bem, verá que o mundo todo é um jardim.”

**Mariana/MG
Março
2018**

PROJETO NAVEGANDO NA LEITURA I: COM O LIVRO “O JARDIM SECRETO”

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O PROJETO

Instituição: Escola Municipal “ [REDACTED] ”

Público Alvo: Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I

Mês: março a abril de 2018

Duração: 1º bimestre de 2018

Encerramento: /04/2018

Professora idealizadora e realizadora: [REDACTED] (Professora Regente do 5º ano).

Sobre o livro:

Mais que um simples romance sobre a descoberta de um lugar proibido, *O jardim secreto* revela o fascínio dos primeiros contatos com a natureza e a importância que ela exerce no fortalecimento das amizades. Este clássico da literatura, escrito por Frances Hodgson Burnett, já foi traduzido para diversas línguas, e, para esta edição, adaptado por Ana Maria Machado, uma das mais consagradas autoras da nossa literatura infantil. As ilustrações são de Victor Tavares.

- A adaptadora

Com mais de cem livros publicados no Brasil e em outros 17 países, a carioca Ana Maria Machado tem uma biografia impressionante. Em 1993, tornou-se *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2000, ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o “Nobel” da literatura infantil. Em 2001, recebeu o maior prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Dois anos depois, a escritora foi eleita para a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, elevando a literatura infantil a uma posição de respeito no cenário nacional.

- A autora

Filha de um próspero industrial, Frances Hodgson Burnett nasceu em Manchester (Inglaterra), em 1849. Depois da morte do pai, sua família enfrentou dificuldades financeiras e, em 1865, mudou-se para os Estados Unidos.

A escritora, porém, nunca se esqueceu de sua infância passada em Manchester. Graças ao sucesso de *O pequeno lorde* (1885), ela retornou à Inglaterra, mas não foi feliz: divorciou-se e perdeu o filho mais velho. Depois de 1901, passou a morar parte do ano nas Bermudas (colônia britânica), parte em Long Island (estado de Nova York).

Enquanto planejava o jardim de sua casa norte-americana, Frances concebeu e escreveu *O jardim secreto* (1911), seu trabalho mais conhecido. A autora faleceu em 1924, nos Estados Unidos, pouco antes de completar 75 anos de idade.

- O contexto

Frances Hodgson Burnett escreveu *O jardim secreto* durante o reinado de George V, momento em que o Império Britânico atingiu sua maior extensão territorial. Nessa época, a Inglaterra ainda possuía muitas colônias, como a Índia, onde viviam os pais da personagem Mary Lennox.

No campo da literatura, a estrutura do romance sofreu mudanças significativas: já não se pretendia fazer uma análise social, mas se investia cada vez mais na linguagem e na complexidade dos

Personagens. Foi o que fizeram Virginia Woolf e James Joyce, autores contemporâneos a Burnett.

- A obra

Mary Lennox era uma menina mimada que vivia com seus pais na Índia. Após uma terrível epidemia, ficou órfã e teve de mudar para a casa de seu tio Archibald Craven, no interior da Inglaterra. Ali, passou muitos dias sozinha, já que o tio, amargurado após a morte de sua esposa, não lhe dava nenhuma atenção. Em pouco tempo, porém, a menina começou a fazer descobertas: encontrou a chave de um jardim secreto trancado havia muitos anos, conheceu o jovem Dickon, que sabia conversar com os animais, e soube da existência do primo Colin, que passava os dias na cama por acreditar ter pouco tempo de vida. Assim que entram no jardim,

eles descobrem um mundo novo, e, com a ajuda de Mary, Colin readquire a alegria de viver. O incrível universo do jardim fortalece a amizade entre as crianças e traz de volta o sorriso ao rosto do senhor Craven.

II – OBJETIVOS

Geral

O Objetivo consiste em incentivar e estimular o prazer e o interesse pelo mundo da leitura, levando os alunos a perceberem as imensas possibilidades de um livro e tudo que nele está contido de conhecimento, sabedoria e informação. Com base em assuntos de interesse próprio da idade. *O Jardim Secreto* revela o fascínio dos primeiros contatos com a natureza e a importância que ela exerce no fortalecimento das amizades.

Específicos

- Promover e incentivar o gosto pela leitura e pelos estudos;
- Facilitar o acesso ao acervo literário da escola;
- Propiciar práticas de leitura numa perspectiva lúdica e dentro do universo da faixa etária dos alunos;
- Melhorar os resultados de aproveitamento do rendimento escolar;
- Estimular o raciocínio, a linguagem, a escrita e a atenção;
- Enriquecer a vivência, a convivência e a cidadania.
- Fortalecer o entendimento sobre amizades.

III – DESENVOLVIMENTO

1ª Etapa: Elaboração do Projeto e Motivação para o desenvolvimento do projeto

- Introdução sobre o livro, leitura e discussões sobre a história do livro, autora, adaptadora e ilustrador;
- Leitura da primeira parte do livro “O Jardim Secreto”, com o objetivo de fomentar a vontade nos alunos de lerem o livro;

- Entrega dos livros para os primeiros quatro alunos que leram os livros, esses deveram devolver os livros duas semanas depois, para que os próximos quatro possam ler. (Duas semanas será o prazo para leitura);
- Leitura do livro por cada aluno.

2ª Etapa: Ações

- Apresentação do desenho “O Jardim Secreto”.
- Apresentação do filme “O Jardim Secreto”.
- Discussões sobre os filmes e o livro. (permanências e mudanças)
- Preenchimento da Ficha Literária, anexo I.
- Produção de um texto em forma de notícia sobre o filme; (Notícia: gênero textual trabalhado neste bimestre).
- Correção da produção de texto, com a dinâmica das palavras com ortografias erradas escritas no quadro e os alunos farão a correção coletiva.
- Atividades contidas no anexo II.

IV – CULMINÂNCIA

- Em forma de seminário discutiremos as várias interpretações sobre o livro.
- Visita ao Jardim de Mariana, na praça Gomes Freire. Discussão se há alguma relação do Jardim do livro com o visitado. (Um pouco da história do Jardim de Mariana, em texto e fotos)
- Exposição das artes individuais produzidas sobre a visita ao Jardim e o livro.

V – AVALIAÇÃO

Será realizada durante todo o desenvolvimento do projeto, através da observação, participação e envolvimento dos alunos nas atividades propostas.

- Observar a possibilidade do desdobramento do projeto - Desenvolver um projeto (seria um desdobramento deste projeto) que vise à criação de um jardim coletivo. No caso seria um jardim suspenso, em garrafas pets. Em que local o jardim poderá ser criado? O que será preciso para montar esse jardim? Quais plantas e flores são mais adequadas para esse local? Qual será o custo do jardim? Quem cuidará dele?

ANEXO 2



**PREFEITURA MUNICIPAL DE MARIANA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
ESCOLA MUNICIPAL “ [REDACTED] ”**

FICHA LITERÁRIA

Aluno: _____ **5º Ano**

Professora: [REDACTED] **Data:** _____

1. Título: _____

2. Autor: _____

3. Nome do livro e páginas: _____

4. Editora: _____

5. Local e data da publicação: _____

6. Como se inicia a história? _____

7. Qual o conflito, ou seja, qual o problema que surge, a partir do qual toda a história se desenvolve?

8. Que ações são necessárias para resolver esse conflito?

9. Em que momento da história aparece o clímax, ou seja, qual o momento mais tenso que exige a solução do conflito inicial?

10. Qual o desfecho da história, ou seja, como se resolve o conflito inicial?

11. Quais são os personagens e qual o papel que cada um desenvolve na história?

12. Que tempo o autor escolheu para narrar essa história? Explique.

ANEXO 3

ATIVIDADE 1

Desvendando os personagens

Objetivo: Descrever e analisar o desenvolvimento dos personagens da história.

1ª Etapa: Registrar coletivamente o perfil dos principais personagens da história, escrevendo uma frase sobre cada um deles. Deve-se considerar as características físicas e emocionais dos personagens, além de seu desenvolvimento ao longo da trama.

2ª Etapa: Pedir aos alunos que escrevam um texto narrado por Colin relatando como o encontro com Mary e Dickon mudou a sua vida.

Atividade escrita:

AS PERSONAGENS

1 - Associe as personagens às suas características ou aos fatos a elas relacionados.

- (a) Mary Lennox () Trabalhava como criada na casa do senhor Archibald Craven.
- (b) Archibald Craven () Achava que ia logo morrer. Era muito mimado e mandão.
- (c) Senhora Medlock () Velho jardineiro que falava errado e se dizia feio e rabugento.
- (d) Marta () Tinha doze anos e gostava de tocar flauta. Fuligem era seu bicho de estimação.
- (e) Dickon () Viúvo sério e desanimado, morava em um casarão isolado no meio do campo.
- (f) Bem () Mulher tagarela que trabalhava como governanta na casa do senhor Craven.

(g) Colin Craven () Nasceu e morou algum tempo na Índia. Ficou órfã aos nove anos.

2 - Quem contou a Mary sobre a existência de um jardim secreto?

() Dickon () Colin () Bem () Marta

3 - Mary achava que uma das personagens tinha uma característica que a fazia parecer mágica. Quem era?

4 - Que característica era essa?

5 - De acordo com a história, que personagens cuidaram do jardim secreto?

() Archibald () Colin () Bem
() Marta () Mary () Dickon

ATIVIDADE 2

RELEMBRANDO A HISTÓRIA

1 - Onde Mary morava antes e por que teve de sair de lá?

2 - Para onde ela foi levada?

3 - Duas mulheres acompanharam Mary na viagem. Quem era? Que meios de transporte elas utilizaram? Explique como foi.

4 - Mary descobriu um jardim trancado perto da mansão. Que jardim era esse? Quem o havia trancado e por quê?

5 - Como foi que a senhora Craven faleceu? Explique.

6 - Como o jardineiro Bem sabia que a primavera estava chegando?

7 - Depois que Mary começou a passear pela charneca e cuidar do jardim secreto, o que mudou na sua aparência e no seu comportamento?

8 - No tempo em que passou a história, não havia luz elétrica nem automóveis. Cite um trecho do livro que comprove cada afirmação.

a) Não havia luz:

b) Não havia automóveis:

ATIVIDADE 3:

OS LUGARES DA HISTÓRIA

1 - Mary nasceu e morou na Índia até os nove anos e depois foi levada para a Inglaterra. Em que continentes ficam esses países?

2 - As cidades ou regiões abaixo pertencem a dois países diferentes. Consulte um atlas escolar e marque 1 para Índia e 2 para Inglaterra.

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Bombaim | <input type="checkbox"/> Manchester |
| <input type="checkbox"/> Calcutá | <input type="checkbox"/> Madras |
| <input type="checkbox"/> Bristol | <input type="checkbox"/> Caxemira |
| <input type="checkbox"/> Nova Délhi | <input type="checkbox"/> Lancaster |
| <input type="checkbox"/> Derby | <input type="checkbox"/> Avon |
| <input type="checkbox"/> Londres | <input type="checkbox"/> Cochin |

3 - Coma a ajuda de um atlas escolar, localize no mapa e pinte de verde a Inglaterra e de amarelo a Índia. Encontre também a Austrália, país para onde o senhor Craven viajou, e pinte-a de azul.

ATIVIDADE 4:

PONDO ORDEM NA HISTÓRIA

1- Numere os fatos abaixo na ordem em que ocorreram na história.

- A mãe de Marta manda de presente a Mary uma corda de pular.
- A rabugice de Bem deixa Colin tão nervoso que o faz levantar da cadeira de rodas.
- A menina é levada para a casa do tio no interior da Inglaterra.
- Chega a primavera, tudo se enche de flores, e a brisa da charneca fica morna e perfumada.
- Marta conta a Mary sobre o jardim secreto.
- Mary encontra uma chave
- Mary conhece Dickon e mostra a ele o jardim secreto.
- Mary conhece o senhor Craven. Na mesma noite, descobre que é de Colin o choro misterioso que ouviu.
- O pai de Colin chega mais cedo da Áustria e encontra as crianças brincando felizes no jardim secreto.
- Mary ouve um choro abafado.
- Mary leva Dickon e seus bichinhos para uma visita a Colin.

- () Vítimas de uma epidemia, os pais de Mary morrem na Índia.
- () Colin começa a andar sozinho, sem o auxílio da cadeira de rodas.
- () Ben ensina Mary sobre os sinais da chegada da primavera.
- () Colin e Mary discutem
- () De tanto ouvir Mary falar das maravilhas do jardim, Colin decide levantar-se e sair do quarto para ir conhecê-lo.
- () Mary entra no jardim secreto e começa a trabalhar lá todos os dias.
- () Mary conta a Colin que Dickon achou um lindo carneirinho recém-nascido ao lado da mãe morta.
- () Dickon e Mary levam Colin até o jardim secreto na cadeira de rodas.

ATIVIDADE 5

USANDO A CRIATIVIDADE

1 - Desenhe as seguintes situações:

- a) Colin em seu quarto, deitado em sua cama de dossel.
- b) Mary brincando com a corda de pular.
- c) Dickon com Fuligem no ombro e um carneirinho ao lado.

ATIVIDADE 6

A ESCRITORA

Frances Hodgson Burnett nasceu em 1849, em Manchester (Inglaterra), e morreu em 1924, em Nova York (Estados Unidos).

Pesquise em uma enciclopédia e assinale a alternativa correta sobre os fatos da vida da escritora.

1 - Por que ela e a família emigraram para os Estados Unidos em 1865?

- () A vida na Inglaterra estava muito chata.
- () Passavam sérias dificuldades financeiras desde que o pai morrera.
- () Frances tinha sido prometida a um noivo americano.

2 - Qual a cidade americana para onde foi a família Hodgston? Por quê?

- () Nova York, porque já era a maior e mais agitada cidade dos EUA.
- () Chicago, porque era muito parecida com sua cidade natal.
- () New Market, em busca de ajuda de familiares maternos.

3 - Com que idade a autora começou a publicar contos? Onde eles apareceram pela primeira vez?

- () 19 anos – Godey's Ladies' Book
- () 40 anos – Harper's
- () 23 anos – Paterson's Ladies's Magazine

4 - Depois de adulta e conhecida, Frances Hodgson Burnett ainda morou:

- () em Portugal
- () na Espanha
- () na Inglaterra

5 - A escritora fazia muito sucesso entre os leitores de sua época. Ao lado de O jardim Secreto, qual é a história infantil pela qual ela é bastante conhecida?

- () O pequeno Lord Fauntleroy
- () A bela e a fera
- () Chapeuzinho vermelho

ATIVIDADE 7

UM POUCO DE LÍNGUA PORTUGUESA

1- Vamos transformar duas frases em uma? Siga o modelo e use os pronomes que ou onde, conforme o caso.

- a) O pai de Mary tinha um cargo muito importante. Ele era bastante ocupado.
O pai de Mary, que tinha um cargo muito importante, era bastante ocupado.
- b) Mary não fazia ideia do que era uma charneca. Ela não queria perguntar.
- c) Mary Lennox viajou para Londres. Lá, a senhora Medlock a esperava.
- d) A menina foi levada a um quarto confortável. Um prato de comida quente esperava por ela.
- e) Dickon era muito jeitoso com animais. Ele tinha um corvo de estimação.

2 - Adjetivos são palavras que caracterizam os substantivos, dando-lhes qualidade, estado, modo de ser ou aspecto. Relacione cada substantivo ao adjetivo mais conveniente, de acordo com o livro:

- (a) mãe
- (b) menina

- (c) pai
- (d) viagem
- (e) epidemia
- (f) casarão
- (g) estrada
- (h) jardineiro
- (i) bochecha
- (j) vento
- () Esburacada
- () Uivante
- () Longa
- () Rosada
- () Lindíssima
- () Imenso
- () Ocupado
- () Antipática
- () Horrível
- () Rabugento

ATIVIDADE 8

As imagens de um jardim secreto

Objetivos: Observar as ilustrações do livro analisando as relações entre texto e imagem. Registrar impressões da história através de desenhos ou pinturas.

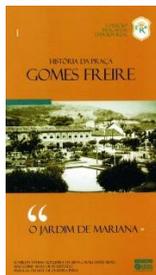
1ª Etapa: Oferecer um momento para os alunos observarem com atenção as ilustrações do livro. Como os personagens estão representados? As ilustrações são expressivas? Como são retratados os ambientes onde se passa a história? Quais as relações entre o texto e as imagens? As imagens completam o texto? Elas trazem elementos novos para a história?

2ª Etapa: Após escolher o personagem ou a cena que mais lhe marcou na história, cada aluno realizará uma série de desenhos ou pinturas. É importante lembrar que a história se passa em diferentes cenários. Seria interessante explorar nessa atividade as imagens relativas ao jardim secreto durante o inverno e a primavera.

3ª Etapa: Expor os trabalhos dos alunos observando e analisando coletivamente as diferentes expressões e impressões que surgiram com a leitura da obra.

ATIVIDADE 9

Texto com a história do Jardim de Mariana, baseado no livro “História da Praça Gomes Freire: O Jardim de Mariana” de Patrícia Paiva.



Apresentar as fotos antigas do Jardim (em slide, no data show), caso encontre mais acrescentarei.

